

INDIA — ATOULA-KHAN-MESJID.

A MESQUITA de Atoula-Khan-Mesjid é uma das mais magestosas de todo o Indostão, alias tão rico de construcções soberbas de similhante genero.

Foi erigida na cidade de Juanpour, que dista de Bénarés cousa de cincoenta e seis kilometros, ou mais de onze leguas.

Hodges, escriptor inglez, opina que esta mesquita fôra edificada em 1394 por Chaja-Jehan vizir de Mohammed-Shah. Daniel porém diz que ella fôra construida no seculo 17.<sup>o</sup> Outros finalmente querem que a fundação primitiva do monumento remonte á epocha marcada por Hodges, acrescentando que fôra reconstruido posteriormente. Nós não podemos decidir a duvida; mas o que não admite contestação é que

a mesquita de Atoula-Khan-Mesjid, que os mussulmanos têm em grande veneração, é realmente magnifica; calcula-se o seu custo em vinte milhões de francos, ou tres mil e duzentos contos da nossa moeda, pouco mais ou menos, e por aqui pode avaliar-se a sua grandeza e riqueza.

Exteriormente apresenta a forma de uma fortaleza; de cada lado da fachada tem duas grandes torres quadradas, que se communicam uma com a outra por uma soberba arcada em ogiva.

A mais formosa parte do interior da mesquita de Atoula-Khan-Mesjid é a nave central, que a nossa estampa representa com escrupulosa exactidão.

## NA ESTREMADURA.

(FRAGMENTO.)

## CARTA PRIMEIRA (1)

A ANTONIO DE MELLO S. LOURENÇO.

PERGUNTAR-ME-HA provavelmente quem é o padre J. P. É um d'esses homens de que abundam as nossas provincias, e que morrem obscuramente pela casualidade de terem nascido e vivido fóra da capital; um d'esses homens cuja vocação litteraria é annullada por falta de ar e de espaço no recinto de uma pequena povoação. Annullada, não disse bem. Não se annulla; torna-se rachytica; manifesta-se em trabalhos, senão absolutamente estereis, insignificantes em relação á capacidade do obreiro. O padre J. P. é um homem de instrucção e de elevada e prompta intelligencia, que, retido por circumstancias particulares n'um limitado theatro, concentrou ahí toda a actividade do seu espirito. Santarem tornou-se o seu idolo. Viu-a bella e prospera, e amou-a; viu-a emaciada e decadente, e amou-a. Amou-a com os seus vinte e seis templos, com os seus palacios ainda habitados, com os vestigios das eras mais remotas ainda bem palpaveis, com os tumulos de principes e de homens illustres ainda intactos. Amou-a depois com os seus conventos arruinados ou demolidos, com os seus palacios ermos, com os seus tumulos arrombados e dispersos, com todas as cicatrizes que lhe estampou nas faces uma porfiada lucta entre o passado e o presente. Os annos da idade robusta consumiu-os a estudar as memorias d'esta povoação romana, gothica, arabe, leoneza, portugueza, que tantas raças tem successivamente abrigado no seio; a vista gastou-a quasi inteiramente a decifrar inscripções, a procurar n'uma phrase ou palavra incompleta, n'uma letra avulsa gravada em canto carcomido dos seculos o nascimento de um edificio. A propria mudez das pedras afumadas, corroidas, musgosas, interrogou-a, e a mudez respondeu-lhe. Como uma das incarnações de Vishnú, o padre J. P. converteu-se no espirito de Santarem. Santarem hoje falla com as palavras d'elle: narra a propria biographia a quem lh'a pergunta; explica minudamente cada mutilação dos membros que lhe faltam, cada chaga do seu tronco dilacerado, cada ruga da sua fronte senil. Talvez n'um ou n'outro caso saiba mais do que a realidade; mas as povoações antigas são como os homens projectos: amam todas as tradições que lhes representam á memoria a sua juventude, e não curam do ápice da historia quando se trata de recordar saudades. Deixemos pois que o balcão semi-gothico de S. João de Alporão seja a varanda d'onde se publicavam os edictos dos imperadores romanos. Que não nos faz Augusto Cesar em mandar proclamar as suas leis de uma janella construida no seculo XII ou XIII? Porque não continuaremos a delatar cordelmente os assassinos de Santa Iria, aquelles Britallo e Remigio do tempo do rei Recesswinto, e porque não concederemos que esses restos de muralhas da Alcaçova fossem ahí erguidos por mãos romanas, ou, se quizerem, pelos proprios engenheiros celtas do famoso rei Abides?

O padre J. P. conheceu-me pela voz apenas eu subia a escada. Fez-me tristeza vê-lo. Sem ter perdido nada da viveza do seu espirito, appareciam n'elle os effeitos physicos de seis annos, que tantos

ha foi meu guia no meio da terra das grandes ruinas, da terra monumental. A vista tinha-se-lhe notavelmente enfraquecido. Recebeu-me com os braços abertos: fallámos da villa, de litteratura, de antigualhas e de politica. A velha Santarem, . . . quero dizer o padre J. P., não é um d'estes pedantes importunos capazes de nos fazerem abominar os versos de Virgilio ou os periodos de Cicero quando coados pelo bragal da sua erudição, pezada como um couraceiro austriaco: a instrucção do respeitavel sacerdote é variada e ridente sem ser superficial. Possa elle ainda por largos dias ser a historia viva da patria de Fr. Luiz de Sousa!

Hoje acordámos do somno do justo, porque o meu amigo sabe que eu tenho o somno do justo, adormecendo impreterivelmente apenas encosto a cabeça, e B., apesar das saudades, da quasi nostalgia que o devora, houve por bem imitar-me; acordámos, digo, á voz accusadora do coronel G. que chegára n'essa noute a Santarem, e que já nos reprehendia de abusarmos da hospitalidade paciente da senhora Felicia, perpetrando o escandalo domestico de nos erguermos a deshoras. No seu entusiasmo o coronel refutava-se a si mesmo, abrindo machinalmente a janella e deixando-nos ver por entre as nevas do somno o clarão vermelho que precede no horisonte o disco esplendente do sol. Ainda não eram cinco horas. Vestimo-nos, abraçámos o coronel, e saímos com elle a gosar a aragem fresca da madrugada. Na villa ainda se não sentia senão um tenue ruido, e o ar puro e diaphano estava impregnado dos effluvios nocturnos dos arvoredos que rodeiam a povoação. Aquellas horas o halito do campo invadia Santarem por toda a parte, e as harmonias da natureza agreste murmuravam o cantico matutino por essas ruas, que simulam debalde no aspecto as de uma grande cidade. Aspirando as brisas suaves por entre a moles arruinadas dos palacios e conventos que campeam sobre as habitações modestas dos santarenos, eu abençoava a injusta condemnação fulminada pelo nosso amigo contra uma imaginaria priquiça.

Almoçámos em casa do coronel e resolvemos passar o dia em Santarem. Elle deve partir amanhã para o alto-Tejo, e a commissão que levamos da Academia torna necessaria uma visita nossa ao castello de Almourol, onde, segundo dictos vagos, existem inscripções da idade media ainda desconhecidas. Poderemos assim aproveitar a gondola da superintendencia, não só para explorar aquellas celebres ruinas, mas tambem para examinar as do castello de Belver, situado na margem direita do rio acima de Abrantes. Acaso esta antiga preceptoria dos hospitalarios, esquecida n'um districto rude e pouco frequentado, conservará ainda inscripções ou outros vestigios historicos, e póde ser que além d'isso se nos depare no transito alguma cousa util aos fins da nossa peregrinação litteraria.

Posto que os exames de archivos que me incumbem fazer digam especialmente respeito ás dioceses de Coimbra, de Vizeu e da Guarda, onde consta á Academia que existem documentos preciosos relativos aos seculos XII e XIII e aos que precederam a monarchia, indaguei n'essa manhã se nas parochias de Santarem haveria monumentos d'aquella epocha. Apenas o vigario do Salvador, que me parece homem de instrucção e juizo, me disse que no archivo da sua igreja restavam alguns pergaminhos antigos que se não sabiam decifrar. Prometteu mostrar-mos amanhã. Mas amanhã é necessario partir. Ficarão os pergaminhos do Salvador para uma nova romagem.

(1) Continuação de pag. 197.

O tempo vae calmoso. O sol de junho quasi a prumo reverberava ardente nas ruas e praças da villa, o ar affogado ia-se tornando intoleravel. Voltámos, portanto, a casa do coronel, onde deviamos jantar.

Conhece o coronel G.\*. Tem presente a sua alta e robusta figura, e os seus gestos e porte inteiramente militares. Concebe facilmente qual seria o effeito artistico d'esse vulto n'um campo de batalha. E todavia eu entretive-me uma boa parte da manhã a observal-o no meio dos trabalhos scientificos e dos cuidados da administração. Uma sala do coronel estava convertida em laboratorio, onde a intelligencia preparava os trabalhos, ao mesmo tempo subtis e rudes, do regimen de um dos mais indomaveis e caprichosos rios da Europa. Sobre as mezas viam-se cartas parciaes do curso do Tejo, esboços de plancheta dos terrenos marginaes, desenhos particulares de obras delineadas em varios pontos, mappas e tabelas de observações hydrographicas. Pelas paredes e angulos da sala e de um gabinete contiguo viam-se encostados ou pendurados grande numero de instrumentos, cujos nomes gregos e barbaros não sei repetir, e com que, ainda que o soubesse, não quereria escorchar-lhe os ouvidos. Alguns poucos empregados civis e militares, curvados sobre as mezas, escreviam ou executavam outros trabalhos em tão profundo silencio, que o ranger das pennas sobre o papel ouvia-se distinctamente. O proprio coronel não tardou a engolfar-se n'aquella selva de instrumentos, de desenhos, de officios, de instrucções, Babel immensa, em que o meu espirito se transviaria se intentasse decifrar essas juxtaposições de algarismos, esse vocabulario inintelligivel da sciencia hydraulica, ou conhecer o uso d'esses instrumentos pulidos e brilhantes que me circumdavam. De vez em quando aquella mudez profunda, que velava o ardor da actividade intellectual, como ás vezes as neves da montanha escondem o incendio do volcan, era interrompida pelas phrases rapidas e imperativas do coronel, e por perguntas laconicas e respostas monosyllabicas, que rompiam o silencio, não como a luz do sol escapando por entre as nuvens que fogem lentas e se rarefazem, mas sim como a bala que bate no alvo, como o clarão da polvora que illumina fugitiva as trevas da noite. A severidade militar nos trabalhos scientificos tem o que quer que seja triste, mas dá-lhes uma energia e precisão, cujos poderosos effeitos vêem a manifestar-se depois na applicação. É pelo habito da obediencia e da disciplina guiadas pela luz do espirito, que se domam e subjagam as forças da natureza, e se levam a cabo obras gigantes, que depois de realisadas nos maravilham porque não é facil de alcançar como o homem com os seus recursos, ousou sequer emprehendel-as.

A tarefa durou até bem tarde; porque com a sua incrivel actividade o coronel quiz deixar tudo ordenado, e resolvidas todas as difficuldades antes da partida. Depois de jantar saímos a visitar a Alcaçova com o capitão S.\*. A Alcaçova, meu amigo, é não só a parte mais antiga, mas tambem a mais arruinada e deserta da villa. Por essas quellas estreitas, tortuosas, malgradadas topam-se a cada momento casas sem tectos, muros que desabam, pardieiros affumados pela mão do tempo, tudo no meio de quasi completa solidão. É preciso volver os olhos ao longe para desoprimir o animo, porque os territorios que se descobrem d'aquelle ponto são tão ridentes e cheios de vida como a Alcaçova é melancolica e morta. Na raiz do monte a veia flexuosa do rio cruzado de barcos. Defronte os campos de Almeirim orlados no fundo do quadro de oliveiros e bosques extensos, e sobre a eli-

vação, além, o convento abandonado dos dominicanos da serra. A noroeste as campinas de Alpiça, e a Chamusca branquejando na encosta por entre os arvoredos. Na proximidade, á beira do Tejo, na margem direita, as hortas das Onias verdejando vigorosas, e mais ao norte os campos de Alvisquer. A' direita d'elles as aguas do Tejo dilacerado no seu curso, ora dormente nas vallas, ora escoando-se por entre as insuas e mouchões. Nos longes mais remotos montanhas, ou terrenos vigorosamente accidentados, e tudo isto tingido pelos mil cambiantes das cores que a luz mistura nos infinitos planos de um territorio desigual, montuoso, e ora calvo, ora cuberto de vinhas, oliveas e matos rasteiros. Aquelle panorama delicioso e immenso dava-nos, pelo sentimento da vida e da actividade, energia para contemplarmos, senão com indifferença, ao menos com impassibilidade, esse montão de ruinas quasi desertas por meio das quaes vagueavamos.

Dos antigos edificios que a mão do homem tem abandonado, ou, o que peor é, injuriado com successivas reformas dentro da Alcaçova de Santarém, o mais notavel é a igreja de Santa Maria. Não que o aspecto do templo nos revele a epocha em que foi fundado: nada ha nas suas linhas architectonicas que não seja de dous dias. É um casarão ao divino esquadriado, caído, prosaico e mesquinho. Nem sequer tem a magestade das grandes dimensões. Uma inscripção do seculo XII, gravada em marmore branco sobre a porta principal, é que nos ajuda a substituir pela imaginação o que essas pilastras e paredões lisos e massudos, essas portas sem elegancia e sem arte, esses telhados de armazem não podem dizer-nos. É ella que nos faz galgar por cima das successivas restaurações e dos vandalismos de não sei quantas gerações de conegos, para reconstruirmos a velha igreja ali fundada pelos templarios, sete annos apenas depois da conquista da villa, por ordem do grão-mestre Hugo, e sob a direcção de Pedro Arnaldo, que depois veio a succeder no mestrado. Sobre aquella lagea, fustigada pelas chuvas de centenares de invernos, tostada pelos soes ardentes de centenares de estios, vi, em espirito, inclinada a frente do obreiro que lentamente gravara essas letras ligadas e inclusas, e as frentes dos templarios que iam dictando e soletrando os vocabulos latino-barbaros a medida que o punção os esculpia na pedra. Que mal fizemos nós aos gordos e anafados conegos e aos condes de Unhão, padroeiros da igreja de Santa Maria, para hoje nos empalmarem a porta ogival com que harmonisavam esses caracteres do seculo XII, que lhe serviam de diadema; para amanhã nos picarem ou derrubarem as columnas gothicas das naves, adornando-as impiamente de cápiteis corinthios, e arredondando sobre ellas as voltas ponteadas do tecto: para em cada seculo, ou talvez em cada decada, porrem o estyigma, a dedada sebenta do mau gosto, do prosaismo estúpido, no livro de pedra de Pedro Arnaldo? Reprehendemos o vandalismo da epocha actual, mas nos crimes de lesa-arte e de lesa-patriotismo commettidos no meio das revoluções e no ardor das luctas civis ha muito menos imputação do que n'estes assassinios barbaros das velhas edificações, perpetrados a sangue frio por conegos, e por frades, e por commendadores, e por magistrados, e por nobres, para entrarem os ocios das poucas horas inertes que tinham de supportar entre os succulentos almoços, os jantares opiparos, e as lantias crias recheiadas das apoplexias nocturnas, que por via de regra conduzião aquelles dignos varões ao campo do eterno repouso. As sobras dos dizimos, dos foros, das pensões, dos direitos reais, dos mil proventos ideados pa-

ra os locupletar, gastaram-nas por toda a parte em derribar os monumentos da idade media, tão poeticos, tão ricos de inspirações e saudades, para os substituirem pelas hesitações e disparates architectonicos do renascimento, e depois pelas semsaborias e prosaismos da architectura greco-romana restaurada, tão grega ou romana como as phrases de uma bulla são as phrases de Cicero, ou como a lingua romai-ca é o idioma de Homero.

Duas inscripções, a do frontispicio da igreja e a de um tumulo na escada do côro, eis tudo o que resta de S. Maria de Alcaçova, a primitiva e legitima. Quem sabe? Talvez no interior das paredes, debaixo das lageas do pavimento, jazam truncados alguns lodões de capiteis, alguma d'essas gargulas, em que o artista dava vulto as imagens dos seus pesadelos nocturnos, alguma admiravel curva dos tectos artesoados, algum fragmento dos rotos espelhos e dos maineis rendados. Da velha matrona chamada a collegiada, companhia de sapadores cossacos, que ahi andou por seculos a roer a igreja de Santa Maria, restam apenas a flor da terra dous ou tres dentes, fallhados, cariados, cheios de pedra, é verdade; mas que ainda roem n'uns restos de engelhadados reditos, e cujos odios anti-artisticos, quasi impotentes, se manifestam só nas caiaduras frequentes, e no ochre e vermelho, de que cobrem umbraes, pilastras, paredes, silhares, e beiradas d'aquelle armazem do Senhor. São dous ou tres conegos, residuos dos dezeseite instrumentos de masticção que ahi devoravam dezeseite prebendas, a psalmejar, a comer, e a esgaravata nas pedras accumuladas pelo mestre Pedro Arnaldo. Não o diga a ninguem, meu amigo, que me excommungam os archeologos; mas juro-lhe que antes quizera que os conegos e a linhagem de Unhão tivessem consummido com existencias em desfazer dous cipos romanos collocados no adro de Santa Maria, do que em apear as elegantes ogivas e os columnellos esbeltos da igreja dos templarios. Os cipos contêm duas inscripções tumulares de dous habitantes obscuros de *Olisipo*, a Lisboa romana, como sabe. Estão impressos. Se não o estivessem e se antes de o estarem os conegos e os unbões os houvessem derribado e reduzido a pó impalpavel, a perda não seria demasiado sentida.

Para nos facilitar o accesso no interior do edificio o capitão S.\* tinha procurado um dos conegos que morava mais proximo, mas não o haviamos encontrado. A habitação do reverendo e um pequeno quintal contíguo estão situados sobre o muro antigo do castello no cimo da aspera e elevada ribanceira do rio. Aquelle recinto onde come e dorme e cultiva as suas alfaces um clerigo imbelles e meio tropego, viu já por muitos annos reluzir no seu seio os ferros das lanças, e reboou muitas noites com os passos pezados e lentos dos vigias e roldas. Esta mansão modesta e pacifica estava talhada para residencia de um poeta, - porque essas pedras, cujas arestas bolcou a mão do tempo e que nada dizem ao velho conego, lhe diriam a elle mil segredos e mil saudades do passado. Um cubello altissimo, cuja base os seculos solinharam e d'onde se descortina um quadro delicioso, serve de mirante ao pobre clerigo que talvez só aprecie o soberbo belvedere para ir nas noites calmosas do estio resar ali o seu breviario, ou bocejar á espera da ceia, que aliás, a extincção dos dizimos tornou provavelmente indigna de um appetite canonical.

Felizmente, porém, depois de sairmos de casa do reverendo conego, topámos com elle já perto da collegiada, e, exposto o motivo da nossa visita, o bom do padre acompanhou-nos. As feições quasi sumidas,

como as do busto de moeda safada, a testa deprimida, o olhar empanado e vago do novo cicero-ne descobriam as incultas solidões da sua alma. Ao aproximarmos da igreja, n'um muro meio arruinado, que escondia a quem passava um recinto de completas ruinas, havia uma porta, cuja volta tri-centrica e cujos labores, mais grosseiros e simples que os da architectura manuelina, designavam uma construcção do meiado do seculo XVI. O padre parou, estendeu a mão, e disse-nos:

“Aqui era o palacio do senhor D. Affonso Henriques. Por esta porta costumava elle sair para a igreja da Alcaçova.”

Havia no gesto do reverendo uma convicção tão profunda, que supprimi o impeto do riso. Lembrei-me de que já concedera aos cesares romanos o mandarem publicar os seus edictos da varanda de S. João de Alporão. Era crueldade prohibir ao tyranno Ibn-Errik dos arabes, ao maldicto de S. Rozendo e da fradaria de Cella-nova, ao fundador da monarchia portugueza o sair dos proprios paços por uma porta construida no tempo de seu decimo quinto ou decimo sexto neto. Calei-me e segui ávante.

O padre conduziu-nos ao claustro. É um pateo triste, humido, rodeado de uma arcaria moderna, insignificante como o gesto do nosso guia. Levounos á sacristia, que nem sequer vale a pena de mencionar-se. Subimos a escada do côro, onde se vê embebido na parede o antigo tumulo de que lhe fallei. B.\* leu-o em voz alta com a rapidez de quem está habituado a decifrar os caracteres dos seculos medios. O conego estava pasmado a principio; mas quando B.\*, com a facilidade que igualmente lhe tem dado a leitura continua das phrases latino-barbaras, começou a verter correntemente a enredada inscripção, não pode ter-se que não o interrompesse. Era que as coegas de erudito tinham vindo beliscar a intelligencia dormente do reverendo.

“Esta sepultura, — atalhou elle, — é de um filho do senhor rei D. Sancho I, ou II, ou III, ou ...”

“De quem? — acudi eu, voltando-me aterrado ao sentir eminente uma dynastia de Sanchos quasi interminavel como a dos Pharaós.

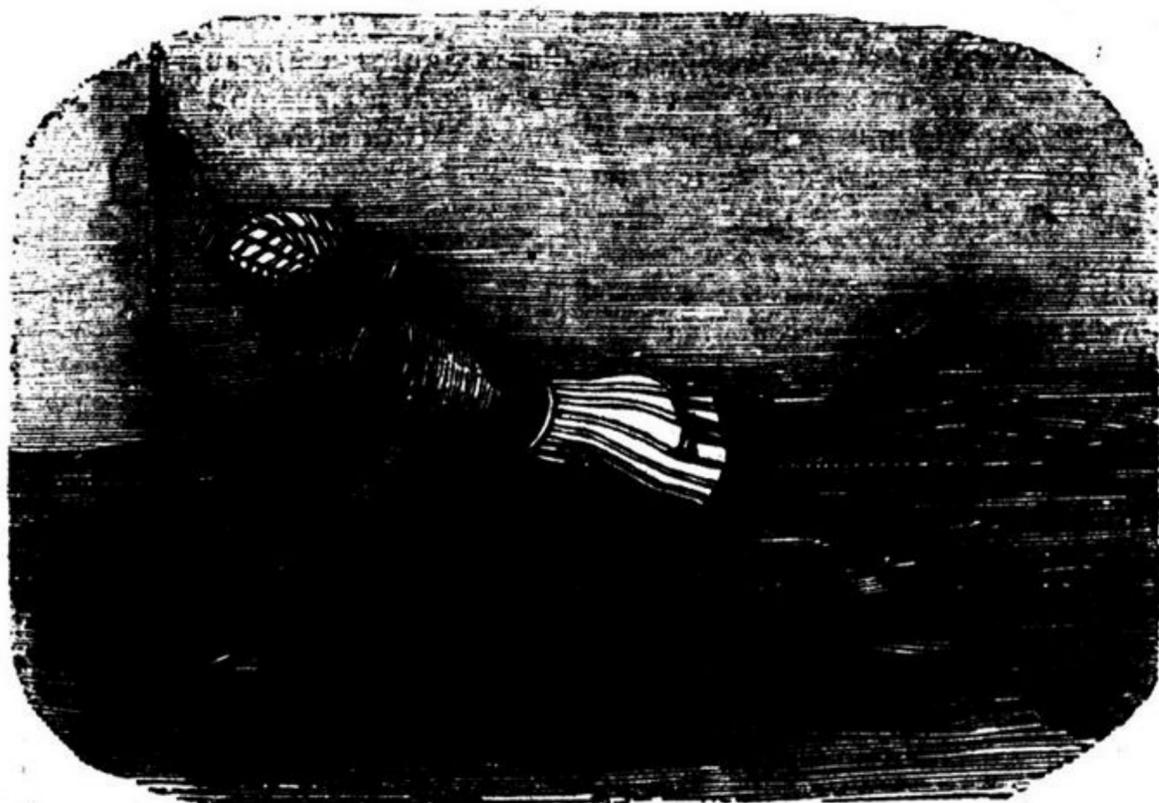
O terror, segundo creio, pintava-se-me nos olhos. O padre calou-se, B.\* tinha-se virado para o lado opposto e conhecia-se-lhe nos movimentos do corpo a lucta que travára com uma gargalhada, forcejando por escapar-lhe do peito para ir echoar por aquellas abobadas.

O tumulo, que data dos primeiros annos do seculo XIII, encerra as cinzas de certo cavalleiro chamado Mendo Affonso, a quem, como era natural, a inscripção tece descommunes elogios. Só não diz que fosse infante de Portugal.

D'ali ávante o reverendo seguiu-nos em silencio. Em silencio escutou algumas das observações que acima fiz, e que involuntariamente me escaparam então, ao contemplar os vandalismos, mais parvos ainda do que brutaes, de que fôra victima esse temple transformado, e, em relação á arte, indignamente prostituido. Era sol posto quando nos despedimos da Alcaçova, e voltámos a casa da tia Felicia.

Bateu a meia noite. Largo a penna para imitar B.\* que dorme profundamente. Necessito de repou-sar algumas horas antes que chegue a da partida. Abraços aos nossos amigos.

A. HERCULANO.



PESCADORES INDIANOS.

É GERALMENTE sabido que os chins costumam empregar na pesca uma especie de corvos marinhos, de tal sorte adestrados, que com o auxilio d'estes preciosos animaes conseguem muitas vezes os pescadores do celeste imperio tirar um producto superior ao que os nossos ousados maritimos só obtêm a custo de muito trabalho e com risco das proprias vidas.

Não é menos singular, mas sem duvida infinitamente mais perigoso, o modo por que os habitantes das margens do Indus, no Sindhi, ou Sind, pescam o peixe de que se alimentam uma boa parte do anno.

O pescador indiano lança na agua um vaso muito leve, de argilla, e da forma representada na gravura; depois, encommendando-se fervorosamente ao seu Allah, deita-se-lhe em cima de bruços, e de modo que fique tapada a abertura superior do tal vaso: se pretende pescar o *pula* (casta de peixe de que os indianos são muito gulosos) deixa-se levar pela corrente, porque este animal quasi sempre nada em sentido inverso d'ella; senão avança para o largo, servindo-lhe mãos e pés como de remos para vogar. Em todo o caso na cinta, ou para melhor dizer, no cox da seroula, leva um ferro de lança afiado; e na mão direita uma vara de quinze pés de comprido, com um laçada na extremidade. Logo que tem conseguido apanhar algum peixe, aperta fortemente a laçada, levanta a vara ao nivel da agua, mata o animal com o ferro de lança, e deita-o para dentro do vaso. Assim prosegue na sua tarefa até ter feito boa provisão de peixe, recolhendo-se então aos seus lares, o que nem sempre consegue sem correr perigo de ser assaltado pelos crocodilos, que povoam aquellas paragens.

## VIAGENS NA AFRICA E NA AMERICA.

## X.

«TERRA!» brada a vigia do seu posto, tantos pés acima do nivel do mar.

E todos buscam no distante horisonte os desejados montes, semelhantes aos recortes de uma nuvem-zinha, e que só os olhos costumados de experiente navegador podem distinguir de tão longe.

O homem não foi feito para andar sobre as aguas, porque sente sempre uma alegria inexplicavel ao avistar a terra, seja embora um paiz doentio, seja o logar do exilio ou do degedo.

«Terra!» repetem todos no bergantim, pendurando-se pelos bordos e pelas enxarcias, com ar prazenteiro.

E essas montanhas que crescem para nós, mostrando a seus pés cada vez mais distintas as praias, os arvoredos, as povoações, é um clima mortifero, aonde tantos de nossos companheiros vão encontrar a sepultura, e quasi todos curtir terriveis febres, deteriorar a saude para sempre!

Já se enxergam as bandeiras nas fortalezas de Angola; já se vêem os mastros dos navios ancorados no porto por detraz da ilha de Loanda; o escaler do patrão-mór dirige-se para nós com força de remo; vamos entrar na capital das possessões portuguezas na costa occidental de Africa.

É uma bonita cidade *S. Paulo da Assumpção de Loanda* (que todos estes nomes tem!) Ou se enxerguem as casas da beira-mar por entre erguidos coqueiros, ou se mire a parte alta da povoação, decorada com os palacios episcopal e do governo, o aspecto é sempre risonho; e muito folgar de orgias ha ahi, sem duvida... mas quantas dores tambem; quanta miseria nas cubatas de pobres negros, e nos grabatos de infelizes degradados; quantos sonhos de ambição esvaecendo-se pelo fogo devorador da febre sobre leitos dourados!...

O que admira realmente, é não se contemplar n'aquelle extenso ambito uma só igreja de sumptuoso aspecto; e saber-se que um mesquinho templo está servindo de cathedral ao bispado de Angola e Congo! Pelo contrario as fortificações tem um ar grandioso, que bem condiz com a importancia d'aquella posição.

A fortaleza de S. Miguel collocada sobre um morro na extremidade da povoação, e cujos fundamentos foram lançados ha quasi tres seculos pelo primeiro governador da colonia, parece dominar a cidade, e a sua posse, tantas vezes disputada, foi sempre o alvo a que se dirigiram as miras dos que pretenderam senhorear Loanda, desde Paulo Dias de Novaes, que ahi fez o assento da primeira povoação de Angola, até Salvador Corrêa que d'ella expul-

sou os hollandezes; e ainda nos modernos tempos, por motivo de qualquer commoção popular ou revolta militar, é á fortaleza de S. Miguel que recolhem as auctoridades para impor a lei aos amotinados; e é tambem nos seus carceres que muitos d'elles têm expiado culpas, e bastantes innocentes hão soffrido os rigores de despoticas vinganças. A esta fortaleza está ligada a historia da colonia desde o seu descobrimento; narrando os successos de que tem sido theatro, teriamos o mais importante d'essa mesma historia; porém o leitor encontra muitos livros aonde a procurar, e conceder-nos-ha por tanto que varíemos de assumpto.

## XI.

Saindo da cidade, na direcção da barra, encontra-se um lindo passeio, todo plantado de arvoredos; ahí se vê um tosco monumento que recorda o nome do governador Luiz da Motta Fêo, nome que aliás se encontra esculpido em outros logares de Loanda, em memoria dos varios melhoramentos que emprendêra em beneficio da povoação; em contraposição d'isto existe porém uma tradição popular que diz, com respeito ao regresso do mesmo capitão general ao reino, estas epigrammaticas palavras: Era muito bom senhor... deixou-nos os olhos, para chorarmos por elle!

Pouco distante do termo d'esta estrada, sobre um ilhote, está a elegante fortaleza de S. Francisco do Penedo, construida com uma solidez pasmosa n'aquelle rochedo, sempre batido das vagas. Não passarei adiante sem mimosear os leitores com uma quadra, que vi esculpida na muralha em frente do portico principal; eil-a aqui:

Este forte que vês, foi levantado  
Por Sousa illustre, na memoria eterno,  
E pelo grande Almeida consumado  
No quinto anno do seu feliz governo.

1795.

Quem seria o poeta? Perder-se-ia o nome d'este querido das musas!

A distancia de uma legua da cidade ainda ha outra fortaleza, S. Pedro da barra, cuja bateria inferior foi aberta na rocha pelos hollandezes, quando dominaram Loanda; e na estrada que vae da cidade para aquelle importante ponto, acha-se o pequeno forte de Nossa Senhora da Conceição, renovado ha poucos annos.

O porto está pois bem vigiado, tanto pela sua entrada principal, como pela barra da Corimba, na extremidade sul da ilha de Loanda, formando como um grande fosso entre a dita ilha e a cidade, que é outra defeza natural de Loanda.

Esta terra, que tem soffrido o jugo de tão barbaros oppressores, vae ser agora enobrecida com a estatua em bronze do seu honrado governador Pedro Alexandrino da Cunha, que ahí deixou memoraveis padrões de sabia administração, rigidez de character, e probidade pouco communs n'aquellas partes!

Cousa notavel! No dia em que pela primeira vez aportei a Loanda, estavam ali fundeados tres navios de guerra portuguezes, as corvetas *D. Isabel* e *Urania*, e a charrua *Prinzeza Real*; os commandantes d'estas embarcações eram Pedro Alexandrino da Cunha, João Maria Ferreira do Amaral e Francisco d'Assis e Silva, que todos tres foram morrer successivamente a Macau, um de repentina doença, motivada por um gelado que tomou; outro victima do traçoeiro ferro chinês, e o ultimo por fogo, arrendo na fragata que então capitaneava!

O commandante do navio que me conduzia a Loanda, era o sr. Gonçalves Cardoso, e mais tarde fomos juntos a Macau, em resultado dos referidos desastres... Deus quiz porém, que ambos voltassem a salvamento a Lisboa!

## XII.

O dominio nominal dos portuguezes na costa occidental de Africa começa em Molembo e include Cabinda, as margens do famoso rio Zaire e o porto d'Ambriz ao norte de Loanda; porém o dominio effectivo só tem principio no rio Dande a poucas leguas da cidade; e entre estes dous pontos jaz o conhecido rio Bengo, cuja agua doce mas turva abastece a capital, e por onde vogam livremente immensos jacarés ou crocodilos. Logo acima da foz as ribas do Bengo são deliciosas; no logar de Santo Antonio de Quifandongo encontraes muitos productos agricolas proprios de climas menos abrazadores, e uma vegetação prodigiosa, que começa mesmo na beira do rio; e todavia este lindo sitio não é saudavel! Depois não vos lembre á noute saír de vossa casa, bem fechada, a não ser que, para obsequiar vossos hospedes, tenhaes feito accender fogueiras perto da habitação; ser-vos-ia facil encontrar um tigre ou um leão, e eu não creio que isso vos causasse grande prazer, se é que não estou fallando com um caçador de feras, como aquelle amigo de Alexandre Dumas, do qual nos conta maravilhas na sua viagem de Cadix a Tanger, Argel e Tunis.

Ao sul de Loanda o nosso dominio real estende-se até Mossamedes, incluindo n'esta longa extensão de costa o grande rio Cuanza, em cujas margens estão assentes os tres mais doentios presidios de Africa, *Massangano*, *Murima* e *Cambambe*; o rio Catumbella, a cidade de S. Philippe de Benguella, o presidio de Novo Redondo, o porto do Lobito, Benguela velha, e as praias do Egypto e Quicombo, aonde se embarca urzella. Quasi todos esses logares eu visitei, e alguma cousa direi a seu respeito quando velejar para o sul; por agora demorar-me-hei a fazer algumas reflexões geraes sobre esta nossa importante possessão.

(Continúa.)

F. M. BORDALO.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLÓS.

## XXVI.

## Convento de S. Francisco.

A PROVINCIA da terceira ordem da penitencia de S. Francisco em Portugal tinha já treze conventos n'este reino, quando no anno de 1612 tratou de fundar outro mais na villa de Arrayolos, sendo provincial Fr. Philippe de S. Thlago. Para esse fim alcançou licença do duque de Bragança, senhor da terra, e do arcebispo de Evora D. José de Mello. A provisão, em que este prelado concede a licença é de 18 de dezembro de 1612.

Foi primeiro intento dos padres fundar na planicie do Rocio; ao que a camara se oppoz em razão de ser prejuizo da terra ficar privada do uso do mesmo Rocio, no qual se festejavam os santos com festas de cavallo. e não ter a terra outra saída aonde os ho-

mens se vão espaiarecer, e n'ella se fazerem os alardos de pé e de cavallo; e haver determinação na camara de pedir a S. M. licença para n'elle se fazer uma feira cada anno (1), como de feito se alcançou depois.

Designou porém a camara para a edificação do convento o lugar mais alto do outeiro de S. Romão, o que os padres acceitaram; e d'ahi veiu que o outeiro, perdendo o nome de S. Romão, se ficou chamando de S. Francisco, derivando agora o nome da invocação, que os padres deram ao novo convento; e verificando-se aqui em todo o seu vigor o antigo adagio de que pelos santos novos esquecem os velhos.

O accordão da camara designando o lugar é de 3 de janeiro de 1613, e do teor seguinte: «Accordaram que por quanto o duque nosso senhor manda que se dê sitio e lugar pera se fazer a casa dos padres da ordem da penitencia do padre S. Francisco conforme a devação do povo, mandam que a casa se faça no outeiro de S. Romão junto ao farregeal de Manuel Carneiro, que os ditos padres compraram pera se n'elle fazer a casa, ou aonde lhe melhor estiver no dito sitio e outeiro, visto como tivemos carta do arcebispo, em que lhe dá licença pera a dita casa.» (2).

Começaram logo a fabrica do convento no sitio indicado; mas do farregeal, que haviam comprado a Manuel Carneiro da Veiga por 70,000 réis, e que destinavam para cêrca do convento, só tomaram posse em 1637, depois de vencerem uma demanda, que lhes moveu Custodio de Villalobos de Almeida sobre o mesmo farregeal (3).

O primeiro bemfeitor do convento foi Miguel Ferreira, que deu para ajuda da fundação 500 cruzados com obrigação de duas missas annuaes (4).

Os religiosos que vieram correr com a obra, assistiam em umas casas de um irmão da terceira ordem junto á ermida de S. Romão, da qual com permissão do arcebispo se serviam para celebrarem missa e outros exercicios, em quanto o convento não offerencia commodidade para n'elle se recolherem. A meza da definição da ordem não veiu a acceitar em forma esta nova fundação se não em 16 ou 19 de novembro de 1619 (5).

Principiaram a obra pela igreja, e a um lado d'ella formaram uns dormitórios com cellas terreas, e officinas, em que assistiram por muitos annos; até que concluido o primeiro dormitório de obra alta, puzeram os prelados n'esta casa mais religiosos, da qual foi o 1.º prelado com voto em capitulo o padre Fr. Antonio do Rego, eleito no que se celebrou a 9 de janeiro de 1633 (6).

Progrediu a obra do convento ora com mais, ora com menos calor; e principalmente se trabalhou em tempo dos provinciaes Fr. Manuel de S. José, eleito

em 10 de agosto de 1697; Fr. José da Conceição, o Escotinho, eleito em 9 de julho de 1718; Fr. Manuel de S. João Baptista, eleito a 9 de agosto de 1721, no tempo do qual pararam as obras, contentando-se a ordem em ver concluidos dous dormitorios e a igreja, que tudo forma pouco mais de metade do que deveria ser o convento completo. O padre provincial Fr. José Mayne, eleito a 8 de abril de 1780, ainda tentou adiantar a obra, e julgo que é do seu tempo o refeitório começado ao lado do sul, que todavia não passou dos fundamentos (7).

A igreja é grande, formosa, e formada pelo risco, que geralmente se usava no seculo 17.º. Foi posteriormente acrescentada no seculo 18.º com grande capella dos terceiros seculares, e sua casa de despacho. Para a edificação d'esta deu licença a camara em 19 de junho de 1730 (8). No segundo meado do mesmo seculo, provavelmente no provincialado do padre Mayne, os altares foram ornados com retabulos de madeira entalhada, que mostra ser obra dos grandes mestres, que então havia em Evora. As grades da capella do Santissimo são d'este seculo (1817 a 1820), e obra de dous carpinteiros da terra, Joaquim do Carmo, e José Gomes, e imitam as grades de outra similhante capella da igreja dos Remedios de Evora. Correu com a despeza d'esta obra o capitão-mór Manuel José Mendes de Carvalho.

As campas de pedra, que ha n'esta igreja, pertenceram pela maior parte á antiga igreja de Santa Maria, e foram transferidas para aqui, por despacho do bispo governador do arcebispado de 4 de agosto de 1775 as que não tinham dono, e por cessões particulares as que o tinham (9).

A sacristia já estava sem telhado nos ultimos annos dos frades.

Como mendicantes, que eram, viviam os padres de esmollas. Mas não havia riqueza, que igualasse a abundancia da pobreza franciscana! Crescia o trigo no celleiro, o pão cozido na dispensa, e já não cabiam os borregos e carneiros no pateo e cêrca do convento. Requereram os padres a el-rei e alcançaram alvará no 1.º de fevereiro de 1702 para poderem trazer nos coutos 200 a 300 cabeças d'aquelle gado (10). Parece que n'este ponto andaram mais bem avisados, ou não se desmandaram tanto como os seus co-irmãos padres Loios, pois não acho noticia de ter havido desacôrdo sobre o uso dos pastos entre a camara e o convento.

No seculo passado, epocha do maior esplendor da ordem, costumava haver aqui 18 a 20 frades; depois que a ordem começou a decair nos fins do mesmo seculo, tambem diminuiu a povoação do convento; e por ultimo 3 ou 4 frades eram os seus ordinarios habitadores.

A decadencia da ordem a obrigou a abandonar o convento, que tinha na villa do Vimieiro, o qual posto que mais antigo que o de Arrayolos, era todavia de menor importancia por não poder sustentar mais que sete frades, quando Arrayolos sustentava 18 ou 20. Foi abandonado aquelle convento cousa de 30 annos antes da extincção geral, e o que elle possuia se incorporou n'este de Arrayolos.

É digno de notar-se que este convento de Arrayolos nos ultimos mezes da existencia dos frades serviu co-

(1) Livro das vereações de 1621 a 1624, fl. 50.

(2) Livro das vereações de 1612 a 1615, fl. ?

As memorias da ordem referem esta licença da camara ao dia 22 de dezembro de 1612, no que não acho contradicção, admittindo facilmente que n'este dia ou ainda antes, alcançassem a licença, que só se reduziu a escripto no livro competente a 3 de janeiro seguinte.

(3) Tombo do convento a fl. 48.

(4) Ibidem.

(5) Ambas estas datas acho nas memorias da ordem.

(6) Memoria entre os papeis da terceira ordem da penitencia. Masso 1.º ms. cod. CXXIX — 2-1 na bibliotheca publica eborense.

(7) Fr. Vicente Salgado. — *Compendio historico da congregação da terceira ordem de Portugal*. Lisboa 1793, em varios logares.

*Bibliotheca Lusitana*. Tomo 2.º, pag. 839.

(8) Livro das vereações de 1729 a 1731. fl. 39.

(9) Cartorio do convento.

(10) Ibidem.

mo de cabeça da ordem. Porque entrando em Lisboa em julho de 1833 o duque da Terceira com a expedição do seu commando, o padre geral com alguns outros padres se retiraram do seu convento de Jesus, e vieram refugiar-se n'este de Arrayolos, aonde se conservaram até a convenção de Evora Monte, que coincidiu com o decreto da extincção geral das ordens religiosas em maio de 1834.

Fui tomando insensivelmente n'este capitulo o geito dos chronistas dos frades, e para coroar a obra muito desejára poder contar das virtudes dos moradores d'esta casa; mas á falta de mais amplas noticias aproveitarei a que acho de Fr. Amaro do Deserto, frade leigo, de grande opinião de virtude, mórmente da pobreza. Era natural do Curral, junto a Chaves. Falleceu n'este convento a 5 d'abril de 1737; e o convento lhe fez exequias, a que assistiram os principaes da terra (1).

Agora cale-se o chronista, e falle o padre visitador. E' mister que assim seja. Os chronistas apenas se encarregaram de narrar a historia dos frades, vistos pela parte de fora. Falta a outra metade da historia monastica, a dos frades vistos pela parte de dentro. D'esta deveriam ser auctores os padres visitantes; mas infelizmente não propendiam para escriptores publicos; e até parece que faziam gala de o ser bem secretos e confidenciaes. Dirigiam suas memorias com todo o recato, mui bem cerradas e lacradas, a seus prelados maiores. Eu tive a boa fortuna (não direi, indiscrição) de interceptar uma d'estas memorias. E' a conta, que o padre visitador dá no anno de 1769 ao padre provincial dos conventos, que visitou. N'ella se acha descripta uma curiosissima scena íntima da vida fradesca, passada n'este convento; e aqui a ponho sem mais commento, posto que poderia dar logar a largas reflexões.

« Arrayolos. Tem este convento 14 sacerdotes, um corista, um leigo coroado, e mais 4 leigos. Fazem bem as funções ecclesiasticas. Ainda que entre estes religiosos ha espiritos apaixonados, conservam uma paz politica. Só havia de notar a dissensão entre o ministro, e o canonista, fundada em uns zelos por amor de umas raparigas, chamadas as *Condeças*, filhas espirituaes, que tinham sido do canonista, e agora do ministro, depois que aquelle teve a suspensão de confessar; e porque das tres irmãs uma, que não queria sujeitar-se ao ministro, se veiu confessar com elle no dia da Ascensão, logo ministro fez paz com canonista; e me veiu dar satisfação dizendo que muitas cousas, que disse contra canonista, talvez não fossem todas verdadeiras, ou por mal informado, ou por desconfiança sua. O canonista, depois que o ministro lhe ordenou não fosse a casa do conde, não cumprimentou pessoa alguma da villa em sua casa, por não fazer o caso suspeito. O padre ministro governa-se pelo padre Ilhas; e Fr. Bento serve-o como negro. — O material do convento está em miseravel estado, e os telhados todos necessitam de prompto remedio. — Fica devendo a communidade ao deposito 48\$051, mas tem muito gado, que vendido dará boas algas. — O padre Quintas requereu dispensa do coro pela manlã. O padre Fr. Ignacio que o desocupe de procurador das capellas. O padre Estremoz pede os seus privilegios. O padre Gloria quer embarcar. O corista Fr. Diogo, por ter 8 annos de habito, quer reverendas até Evangelho, e pretende estudos. » (2)

Pela extincção ficou o convento sem uso. A igreja foi entregue á ordem terceira secular, que difficilmente terá forças para conserval-a.

Em 1840 pouco mais ou menos o convento e cêrca foram vendidos a um particular da villa; e em 1843 (a 16 de janeiro) (3) a camara comprou o edificio para segurar a posse do claustro, que desde 1834 serve de cemiterio.

A epidemia da cholera-morbus em 1833 foi occasião para se acabar na villa o antigo uso dos enterramentos nas igrejas. Serviu n'esse tempo de cemiterio o pateo do antigo Paço do Castello; mas reconhecendo-se logo que não se davam ali as condições proprias de cemiterio, transferiu-se pouco depois da extincção para o claustro do convento de S. Francisco, aonde se conserva. A igreja é maravilhosamente apropriada para servir de capella do cemiterio, e n'esta qualidade seria muito para desejar que a camara tomasse á sua conta a conservação d'ella, visto que, como disse, a ordem terceira não poderá tomar sobre si este onus.

O convento propriamente dito, como a camara não tinha applicação a dar-lhe, estava naturalmente destinado a cair em ruinas; mas a guerra civil de 1846 e 1847 fez logo o que o tempo só faria no fim de alguns annos. É sabido que n'essa epocha Arrayolos foi quartel das forças, que debaixo do commando do general Schwalback (visconde de Setubal) observavam a cidade de Evora. O convento situado fóra da villa sobre a estrada de Evora, era lugar propriissimo para a collocação dos piquetes, cuja soldadesca foi queimando as madeiras do edificio, de sorte que logo no inverno seguinte desabou o telhado do dormitorio do nascente, e em poucos annos terá desabado todo o resto do convento.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

**RECTIFICAÇÃO.** Por um d'esses descuidos tão frequentes, e quasi inevitaveis nos trabalhos typographicos houve transtorno na numeração das notas do capitulo XXIV d'estas Memorias de Arrayolos. Deve ficar como n.º 7 na pagina 190 a nota que está com o n.º 2 na pagina 191. As outras notas da pagina 190 depois d'aquella accrescente-se uma unidade a cada uma, á excepção da nota 12, que passará a ser a 1.ª da pagina seguinte, ficando a 1.ª d'essa mesma pagina com o n.º 2.

Com o presente numero terminam as assignaturas d'aquelles senhores que subscreveram para este semanario pelo primeiro semestre do anno corrente: querendo continuar a honrar-nos terão a bondade de assim o declarar em Lisboa aos distribuidores, ou na livraria do Editor, rua do Ouro, n.ºs 227 e 228; a quem devem dirigir-se os senhores das provincias, por carta franca de porte, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.

sita no anno de 1769. — Memoria nos papeis da 3.ª ordem da penitencia, inasso 2.º ms. na bibliotheca publica eborense, cod. CXXIX — 2-2.

(3) Por preço de 96\$000 réis e escriptura lavrada nas notas do tabellião de Arrayolos José Mathias Sampaio Brito Lobo.

(1) Memorias do sr. Cenaculo na bibliotheca publica eborense.

(2) Conta dos conventos da Extremadura, Alentejo, e Algarve, feita por commissão na primeira vi-